Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Conhecimento da equipe de enfermagem acerca das principais reações transfusionais

Knowledge of the nursing team regarding the main transfusion reactions

Conocimiento del equipo de enfermería sobre las principales reacciones transfusionales

Ana Paula Ribeiro Razera[1], Aline Torrescilha Falcão Soares[1], Nayara Tomazi Batista[2], Amanda Cristina Faciolo Fernandes[2], Gabriely Vitória Peixoto[2], Elda Garbo Pinto[1], Julia Leite Cechinato[1], Rebeca Afonso Sinhorilio[1], Eduarda Bertoloni de Oliveira[1], Márcia Aparecida Nuevo Gatti[1].

RESUMO

Objetivo: Identificar o conhecimento da equipe de enfermagem acerca das principais reações transfusionais. **Métodos:** Estudo transversal, descritivo, de abordagem quantitativa, realizado com profissionais de enfermagem maiores de 18 anos, de ambos os sexos. A coleta de dados ocorreu de forma remota, por meio de questionário eletrônico disponibilizado em ambiente online e divulgado via redes sociais e *e-mail.* **Resultados:** Participaram do estudo 84 profissionais, com idade média de 36 anos, predominando o sexo feminino e a categoria profissional de enfermeiros, com tempo de atuação entre um e dez anos. Quanto à experiência na área de transfusão de hemocomponentes, a maioria relatou nunca ter atuado em serviços de hemoterapia, embora grande parte tenha recebido algum tipo de capacitação sobre transfusão. Os profissionais referiram realizar a instalação, o monitoramento e o acompanhamento de transfusões, bem como já terem prestado assistência a pacientes que apresentaram reações transfusionais em algum momento da prática profissional. **Conclusão:** A terapia transfusional constitui um processo complexo, que requer profissionais devidamente capacitados. Observou-se que a equipe de enfermagem apresentou conhecimento satisfatório sobre os principais sinais e sintomas das reações transfusionais; entretanto, ressalta-se a importância da realização periódica de capacitações para atualização e fortalecimento da prática segura.

Palavras-chave: Reação transfusional, Enfermagem, Hemoterapia, Transfusão sanguínea.

ABSTRACT

Objective: To identify the nursing team's knowledge regarding the main transfusion reactions. **Methods:** A cross-sectional, descriptive study with a quantitative approach, conducted with nursing professionals over 18 years of age, of both sexes. Data collection occurred remotely through an electronic questionnaire provided in an online environment and disseminated via social media and email. **Results:** 84 professionals participated in the study, with an average age of 36 years, predominantly female and from the professional category of nurses, with professional experience between one and ten years. Regarding experience in the area of blood component transfusion, the majority reported never having worked in hemotherapy services, although a large portion had received some type of training on transfusion. The professionals reported performing the

[1] Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO), Bauru – SP.
[2] Universidade de São Paulo, Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC-USP). Bauru - SP.

SUBMETIDO EM: 2/2026 | **ACEITO EM: 3/2026** | **PUBLICADO EM: 5/2026**

installation, monitoring, and follow-up of transfusions, as well as having provided assistance to patients who presented transfusion reactions at some point in their professional practice. **Conclusion:** Transfusion therapy is a complex process that requires properly trained professionals. It was observed that the nursing team presented satisfactory knowledge about the main signs and symptoms of transfusion reactions; however, the importance of conducting periodic training for updating and strengthening safe practice is emphasized.

Keywords: Transfusion reaction, Nursing, Hemotherapy, Blood transfusion.

RESUMEN

Objetivo: Identificar o conocimiento del equipo de enfermería sobre las principales reacciones transfusionales. **Métodos:** Estudio transversal, descriptivo, con enfoque cuantitativo, realizado con profesionales de enfermería mayores de 18 años, de ambos sexos. La recolección de datos se llevó a cabo de forma remota mediante un cuestionario electrónico disponible en un entorno en línea y difundido a través de redes sociales y correo electrónico. **Resultados:** Participaron en el estudio 84 profesionales, con una edad promedio de 36 años, predominantemente del sexo femenino y de la categoría profesional de enfermeros, con experiencia profesional de entre uno y diez años. En cuanto a la experiencia en el área de transfusión de hemocomponentes, la mayoría informó no haber trabajado nunca en servicios de hemoterapia, aunque una gran parte había recibido algún tipo de capacitación sobre transfusión. Los profesionales informaron realizar la instalación, monitoreo y seguimiento de las transfusiones, así como haber brindado asistencia a pacientes que presentaron reacciones transfusionales en algún momento de su práctica profesional. **Conclusión:** La terapia transfusional es un proceso complejo que requiere profesionales debidamente capacitados. Se observó que el equipo de enfermería presentó un conocimiento satisfactorio sobre los principales signos y síntomas de las reacciones transfusionales; sin embargo, se destaca la importancia de realizar capacitaciones periódicas para la actualización y el fortalecimiento de la práctica segura.

Palabras clave: Reacción transfusional, Enfermería, Hemoterapia, Transfusión sanguínea.

INTRODUÇÃO

Desde os tempos primórdios, o sangue ocupa papel central na história da medicina, sendo utilizado em rituais místicos, religiosos e em práticas terapêuticas empíricas, como a sangria, caracterizando o período pré-histórico da transfusão (BRASIL, 2013).

A transfusão sanguínea evoluiu a partir do século XVII, com a descoberta da circulação sanguínea por William Harvey, consolidando-se no século XIX com a primeira transfusão humana realizada por James Blundell. No século XX, a descoberta do sistema de grupos sanguíneos ABO por Karl Landsteiner em 1901 explicou as causas das reações transfusionais e estabeleceu as bases da medicina transfusional moderna, tornando possível a realização de transfusões sanguíneas seguras (MOHD NOOR NH e SITI ASMAA MJ, 2024).

No Brasil, a hemoterapia iniciou-se em 1933, com a criação do Serviço de Transfusão de Sangue no Rio de Janeiro, expandindo-se posteriormente com a implantação de bancos de sangue e instituições científicas da área. A terapia transfusional (TT) consiste na administração de hemocomponentes específicos conforme a necessidade clínica do paciente, substituindo o uso indiscriminado do sangue total, o que contribui para maior eficácia terapêutica e melhor gestão dos estoques (CHEREM EO, et al., 2018).

Os principais hemocomponentes utilizados incluem concentrado de hemácias, plaquetas, plasma fresco congelado e crioprecipitado, cada qual com indicações específicas relacionadas à reposição celular ou correção de distúrbios da coagulação. Apesar dos benefícios, a transfusão envolve riscos imediatos ou tardios, exigindo critérios rigorosos, cumprimento de normas técnicas e capacitação dos profissionais envolvidos (BRASIL, 2015; BRASIL, 2016).

A segurança transfusional é assegurada por meio do ciclo hemoterápico e da hemovigilância, que compreende a vigilância desde a doação até o acompanhamento pós-transfusional. No Brasil, esse processo é regulamentado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) por meio do Sistema Nacional de Hemovigilância e do Sistema de Notificações em Vigilância Sanitária, instrumentos fundamentais para a notificação e prevenção de eventos adversos relacionados à transfusão (BRASIL, 2014a; GRANDI JL, et al., 2018; SOBRAL PAS, et al., 2020).

Do ponto de vista clínico, o reconhecimento precoce das reações transfusionais é determinante para a redução de danos e para a segurança do paciente. A identificação imediata de sinais e sintomas, seguida da interrupção da transfusão e adoção de condutas adequadas, pode prevenir a progressão para quadros graves, como choque anafilático, insuficiência respiratória ou falência orgânica (BRASIL, 2015; BRASIL, 2022). Nesse contexto, a hemovigilância configura-se como estratégia essencial para monitoramento, rastreabilidade e prevenção de eventos adversos, permitindo não apenas a intervenção oportuna no caso individual, mas também o aprimoramento contínuo dos processos assistenciais e dos protocolos institucionais (BRASIL, 2022).

As reações transfusionais podem ser classificadas quanto ao tempo de ocorrência (imediatas ou tardias), à gravidade, à imputabilidade causal e ao diagnóstico clínico-laboratorial, variando desde manifestações leves e autolimitadas até eventos graves, incluindo óbito relacionado à transfusão. Embora tenham ocorrido avanços normativos e estruturais na área da hemoterapia, a subnotificação desses eventos ainda persiste como desafio relevante, comprometendo a vigilância adequada, a segurança do paciente e a qualidade da assistência prestada (BRASIL, 2022; FRAZÃO ACAY, et al., 2019).

Apesar da consolidação de normativas e diretrizes voltadas à segurança transfusional, permanecem lacunas na prática assistencial, especialmente no reconhecimento precoce de sinais de gravidade, na priorização das condutas iniciais diante de uma reação transfusional e na notificação oportuna dos eventos adversos (BRASIL, 2015; SILVA PA, et al., 2017). Fragilidades na identificação clínica imediata e na tomada de decisão podem comprometer a efetividade da hemovigilância, dificultar a rastreabilidade dos casos e aumentar o risco de desfechos desfavoráveis (BRASIL, 2016).

Nesse contexto, a equipe de enfermagem desempenha papel central na administração do hemocomponente, na monitorização clínica do paciente e na identificação precoce de possíveis reações transfusionais, assumindo responsabilidade direta pela segurança do processo transfusional. Entretanto, evidências apontam a existência de lacunas no conhecimento técnico e na capacitação desses profissionais, especialmente no que se refere ao reconhecimento de sinais e à condução adequada frente a intercorrências, o que reforça a necessidade de estratégias sistemáticas de educação permanente em saúde (GRANDI JL, et al., 2018).

Com o intuito de fortalecer a prática assistencial e padronizar as atribuições da categoria, o Conselho Federal de Enfermagem, por meio da Resolução nº 709/2022, aprovou e atualizou a norma técnica que dispõe sobre a atuação do enfermeiro e do técnico de enfermagem em hemoterapia, estabelecendo diretrizes para garantir procedimentos seguros, capacitação dos profissionais e a qualidade na coleta, armazenamento e transfusão de sangue e hemocomponentes (COFEN, 2022). Diante disso, emerge o seguinte questionamento: qual é o nível de conhecimento da equipe de enfermagem sobre as principais reações transfusionais? Assim, o presente estudo tem como objetivo identificar o conhecimento da equipe de enfermagem acerca das principais reações transfusionais, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias voltadas à qualificação da assistência e ao fortalecimento da segurança do paciente.

MÉTODOS

Estudo transversal, descritivo, de delineamento quantitativo, realizado em ambiente online, por meio de contatos dos próprios pesquisadores em redes sociais e e-mails. A população foi composta por profissionais de enfermagem (auxiliares, técnicos e enfermeiros), maiores de 18 anos, de ambos os sexos. Foram considerados critérios de exclusão: não aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e

questionários incompletos. O estudo seguiu os princípios éticos estabelecidos pelas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 6.268.23; CAAE 73292023.1.0000.5502). O aceite ocorreu de forma eletrônica antes do acesso ao instrumento.

Utilizou-se questionário eletrônico estruturado, elaborado pelos pesquisadores, composto por questões sociodemográficas como idade, gênero, estado civil, categoria de trabalho na enfermagem, tempo de trabalho como profissional de enfermagem, vínculo empregatício, e por itens específicos sobre conhecimento em hemotransfusão e reações transfusionais. As questões de conhecimento foram construídas com base em literatura científica atual e diretrizes nacionais relacionadas à prática transfusional, estruturadas no formato de escala do tipo Likert de cinco pontos (1 = Discordo totalmente; 2 = Discordo; 3 = Indiferente/Neutro; 4 = Concordo; 5 = Concordo totalmente).

O instrumento contemplou itens relacionados ao reconhecimento de sinais e sintomas de reações transfusionais, conduta frente à ocorrência de reação e percepção sobre importância do treinamento profissional. Antes da aplicação definitiva, realizou-se revisão quanto à clareza e adequação semântica dos itens. A variável “conhecimento” foi mensurada por meio das respostas aos itens específicos sobre prática transfusional. Para fins descritivos, considerou-se como maior nível de conhecimento a soma das respostas “Concordo” e “Concordo totalmente”, interpretadas como concordância com afirmativas tecnicamente corretas. As categorias “Discordo” e “Discordo totalmente” indicaram menor nível de conhecimento, e a opção “Neutro” foi analisada como posicionamento intermediário.

A coleta dos dados ocorreu em setembro de 2023, permanecendo o questionário disponível por 30 dias por meio de uma ferramenta remota gratuita denominada *Google Forms*, que consiste em um sistema de formulários *online* para produção de pesquisas com questionários de múltipla escolha ou de formato discursivo, compatível com qualquer navegador e sistema operacional. Este recurso foi escolhido para avaliar os dados pela exatidão, facilidade de conversão das informações, por realizar a porcentagem das respostas, não possuir nenhum custo ao pesquisador, além de garantir o anonimato dos participantes, e tendo assim o tempo hábil e praticidade para que os participantes pudessem pensar sobre as questões e respondê-las.

A divulgação foi realizada remotamente por meio de redes sociais e *e-mails* dos pesquisadores. O formulário foi configurado para aceitar uma única resposta por participante, visando minimizar duplicidade. A participação foi voluntária e anônima, reduzindo possíveis vieses de resposta e garantindo confidencialidade.

Os dados foram organizados no programa *Microsoft Office Excel*, onde foram calculadas frequências absolutas e relativas (percentuais). Procedeu-se à análise descritiva das variáveis, com comparação das proporções de concordância entre os itens do instrumento, permitindo identificar níveis diferenciados de conhecimento entre as afirmativas avaliadas. Os resultados foram apresentados em tabelas e figuras para melhor visualização e interpretação.

RESULTADOS

A amostra foi composta por 84 indivíduos, com idade média de 36 anos. Observou-se predominância do gênero feminino (63; 75%) e de participantes com companheiro(a) (58; 69%). Quanto à categoria profissional, prevaleceram os enfermeiros (48; 57%). A maioria dos participantes possuía vínculo empregatício ativo (76; 90%) e tempo de atuação profissional entre um e dez anos (34; 41%), conforme demonstrado na **Tabela 1**.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes do estudo, n=84.

Variáveis		N	%
Gênero	Feminino	63	75
	Masculino	21	25
Idade	18 a 35 anos	39	47
	36 a 45 anos	27	32
	46 a 55 anos	17	20
	>56 anos	1	1
Estado civil	Com companheiro(a)	58	69
	Sem companheiro(a)	26	31
Categoria de trabalho na Enfermagem	Auxiliar	5	6
	Técnico(a)	31	37
	Enfermeiro(a)	48	57
Possui vínculo empregatício na função?	Não	8	10
	Sim	76	90
Qual o tempo de trabalho como profissional de enfermagem?	<1 ano	11	13
	1 a 10 anos	34	41
	11 a 20 anos	27	32
	>21 anos	12	14

Fonte: Razera APR, et al., 2026.

Quanto à caracterização dos participantes em relação à atuação na área de transfusão de hemocomponentes, observou-se que a maioria (76; 90%) nunca atuou em serviços de hemoterapia. Entretanto, parcela significativa (49; 58%) relatou ter recebido algum tipo de treinamento relacionado à transfusão de hemocomponentes. Verificou-se ainda que os profissionais de enfermagem afirmaram já ter realizado a instalação, o monitoramento e o acompanhamento de transfusões (64; 76%), bem como, 57 (68%) relataram ter prestado assistência a pacientes que apresentaram reações transfusionais em algum momento da prática profissional, conforme destacado na **Tabela 2**.

Tabela 2 - Caracterização dos participantes na atuação em transfusão de hemocomponentes, n=84.

Histórico Profissional		N	%
Você já trabalhou em banco de sangue?	Não	76	90
	Sim	8	10
Você já recebeu treinamento sobre transfusão de hemocomponentes?	Não	35	42
	Sim	49	58
Você já realizou instalação, monitoramento e acompanhamento de transfusão de hemocomponentes?	Não	20	24
	Sim	64	76
Você já e realizou atendimento em caso de reação transfusional?	Não	57	68
	Sim	27	32

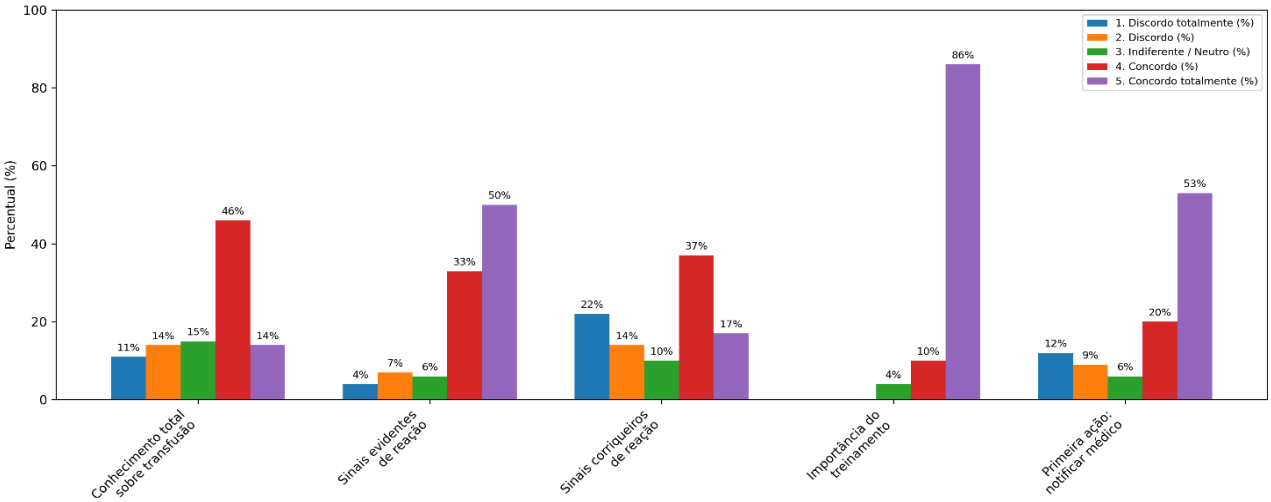
Fonte: Razera APR, et al., 2026.

A **Figura 1** apresenta a distribuição das respostas referentes ao conhecimento técnico da equipe de enfermagem acerca da transfusão de hemocomponentes e de suas possíveis reações transfusionais, considerando os conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória profissional. Entre os 84 participantes, 60% relataram concordância quanto ao domínio sobre transfusão de hemocomponentes, enquanto 25% expressaram discordância e 15% mantiveram-se neutros, indicando percepção moderada de autoconfiança no tema. No que se refere ao reconhecimento de sinais e sintomas evidentes de reação transfusional, como febre, hipotensão, eritema cutâneo, dor torácica e dor nos flancos, observou-se elevado nível de concordância (83%). Apenas 11% apresentaram discordância e 6% permaneceram neutros, demonstrando maior uniformidade no reconhecimento dos sinais clássicos. Por outro lado, quanto aos sinais considerados corriqueiros de reação transfusional, como dispneia, insuficiência renal aguda, sensação iminente de morte e choque anafilático, a concordância foi de 54%, enquanto 36% indicaram discordância e 10% posicionaram-se de forma neutra, revelando maior heterogeneidade nas respostas. A importância do treinamento em hemotransfusão foi amplamente reconhecida, com 96% de concordância, não havendo registros de

discordância, o que evidencia consenso entre os participantes quanto à relevância da capacitação profissional. Por fim, quanto à afirmação de que a notificação do médico responsável deve ser a conduta inicial frente à identificação de uma reação transfusional, 73% concordaram, enquanto 21% demonstraram discordância e 6% mantiveram-se neutros, indicando que parte dos profissionais ainda apresenta divergências quanto à priorização dessa ação.

Destacam-se como principais achados o elevado reconhecimento dos sinais e sintomas clássicos de reação transfusional (83% de concordância) e o amplo consenso quanto à importância do treinamento em hemotransfusão (96%). Entretanto, observou-se que apenas 54% reconheceram adequadamente sinais considerados corriqueiros e 21% apresentaram discordância quanto à notificação do médico como primeira conduta diante de reação transfusional, evidenciando lacunas pontuais no conhecimento técnico e na priorização das ações assistenciais.

Figura 1 - Distribuição dos participantes segundo conhecimento técnico na transfusão de hemocomponentes, n=84.



Fonte: Razera APR, et al., 2026.

DISCUSSÃO

A atuação da equipe de enfermagem durante o processo transfusional é de suma importância, pois acarreta várias responsabilidades relacionadas ao cuidado, onde os pacientes são expostos a diversos tipos de efeitos adversos. Portanto, é evidente a importância do conhecimento sobre hemoterapia por parte da equipe que está acompanhando esse paciente, garantindo segurança para o procedimento.

Este estudo avaliou o conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre a identificação de possíveis reações transfusionais que podem ocorrer em suas rotinas de trabalho, uma vez que, pela sua complexidade, a terapia transfusional demanda uma assistência qualificada. A terapia transfusional trata-se de uma complexa terapêutica e necessita de conhecimentos específicos em todo seu processo, sendo necessário avaliar a necessidade da realização de treinamento dos profissionais envolvidos na assistência, para que os procedimentos hemoterápicos sejam feitos com qualidade e segurança (PEREIRA EB, et al., 2021; SILVA PA, et al., 2017).

Em relação a caracterização da amostra, observou-se a predominância do gênero feminino mostrando que as categorias da enfermagem ainda se destacam pela atuação em sua maioria feminina, sendo uma característica prevalente nesta profissão refletindo a realidade nacional e internacional e corroborando com outros estudos (PEREIRA EB, et al., 2021, MARCONDES C, et al., 2019 e NAZÁRIO SS, et al., 2019).

No Brasil, 85,1% da equipe de enfermagem é constituída por mulheres, assim como, no Canadá e na Suíça (92,2%), nos Estados Unidos (88%), e na Austrália (88,9%). O processo de feminização da enfermagem é grande, porém existe uma presença crescente do grupo masculino nesta profissão após 2005, sendo que o Brasil é o país com maior participação masculina na área da enfermagem (SANTOS BPM, et al., 2023).

Considerando o estado civil, 58 (69%) responderam possuir companheiro, dados semelhantes foram identificados na literatura (SILVEIRA, RCP, et al., 2021). Na categoria profissional e vínculo empregatício, neste estudo prevaleceu os enfermeiros, corroborando com a literatura (SANTOS BPM, et al., 2023). Sobre o tempo de atuação na área, o estudo mostrou que os profissionais atuavam num período de um a 10 anos de trabalho na profissão, reforçando os achados de Bardaquim VA, et al. (2021).

Em relação a atuação na área de transfusão de hemocomponentes, notou-se que a maior parte dos indivíduos nunca trabalhou em serviços de hemoterapia, firmando que os treinamentos e capacitações sobre a temática devem ser realizados com frequência nas instituições, a fim de manter toda a equipe atualizada em relação as atividades hemoterápicas e seus possíveis efeitos adversos. No que se refere ao recebimento de treinamentos sobre transfusão de hemocomponentes, observou-se que a maioria dos participantes (49; 58%) relatou ter recebido orientações relacionadas à hemoterapia e às reações transfusionais. Estudo apresentou achados semelhantes ao evidenciar que a capacitação da equipe de enfermagem e o aprimoramento do conhecimento técnico são fundamentais para garantir a segurança do processo transfusional e a qualidade da assistência prestada (GOMES NRB, et al., 2020). Nesse contexto, ressalta-se a relevância da educação continuada como estratégia fundamental para o aprimoramento da prática profissional na área da saúde.

Quanto à instalação, monitoramento e acompanhamento da transfusão de hemocomponentes, constatou-se que a maioria dos participantes relatou já ter vivenciado essa prática em sua atuação profissional, bem como não ter presenciado episódios de reações transfusionais, condição que pode comprometer a qualidade da assistência e a segurança do paciente durante o processo transfusional. Estudos apontam que parte dos profissionais não recebeu treinamento específico em hemoterapia, o que evidencia fragilidades na capacitação para a prática transfusional (LEITE GR, et al., 2018; PEREIRA EB, et al., 2021).

A realização de treinamentos periódicos contribui para o aprimoramento do reconhecimento de eventos adversos, aspecto fundamental para a implementação oportuna e eficaz de medidas terapêuticas, bem como, para o desenvolvimento de estratégias preventivas voltadas a transfusões futuras. A atuação da equipe de enfermagem diante de reações transfusionais constitui uma situação que deve ser devidamente valorizada, por evidenciar a importância da prestação de uma assistência segura e de qualidade ao paciente. Nesse contexto, destaca-se que a segurança profissional e a capacidade de tomada de decisão são elementos essenciais para que a equipe de enfermagem atue de maneira adequada frente à ocorrência de eventos adversos relacionados à hemoterapia, contribuindo para a prevenção de riscos e de complicações transfusionais (SOUZA WFR e CERQUEIRA ETV, 2019).

Em relação ao conhecimento dos profissionais acerca dos sinais e sintomas apresentados por pacientes com reações transfusionais, identificou-se um discreto déficit de conhecimento, evidenciado pela dificuldade em distinguir adequadamente os sintomas mais frequentes associados às transfusões daqueles relacionados a reações transfusionais de maior gravidade. Tal achado contrasta com os resultados da afirmação referente ao domínio total sobre a transfusão de hemocomponentes, na qual a maioria dos participantes declarou possuir esse conhecimento. Ainda assim, observou-se que a maior parte dos profissionais conseguiu reconhecer que os sintomas apresentados estavam relacionados a eventos adversos hemoterápicos.

Ressalta-se a importância do reconhecimento precoce das reações transfusionais pelo profissional de saúde, uma vez que a identificação oportuna dessas complicações possibilita a adoção imediata de medidas terapêuticas destinadas à reversão do quadro clínico do paciente, evitando que tais eventos passem despercebidos. Embora algumas reações transfusionais sejam inevitáveis, parcela significativa das complicações associadas à transfusão de hemocomponentes pode ser atribuída ao erro humano, frequentemente relacionado à ausência ou inadequação da monitorização durante o ato transfusional (PEREIRA CS, et al., 2016). A Resolução de Diretoria Colegiada n.º 34 (RDC), normatiza que os profissionais de saúde envolvidos no ato de transfusões sanguíneas, devem estar capacitados para observar e identificar eventos adversos, principalmente aos sinais clínicos de uma reação transfusional e protocolos realizados durante a emergência da reação (BRASIL, 2014b). Considerando a afirmação relacionada à importância da realização de treinamentos sobre transfusão de hemocomponentes, notou-se a predominânica da

concordância plena dos participantes, corroborando com os achados na literatura (CARNEIRO VS, et al., 2017).

A interrupção imediata da infusão do hemocomponente, conforme preconizado no primeiro item da Portaria nº 1.353, de 2011, constitui a conduta inicial a ser adotada diante da suspeita de reação transfusional. No presente estudo, ao analisar a conduta frente a esse tipo de evento, observou-se que os participantes relataram como primeira ação a notificação do médico responsável. Esse achado evidencia que, embora a equipe demonstre algum conhecimento quanto à identificação dos principais sinais e sintomas das reações transfusionais, há desconhecimento em relação à prioridade da interrupção imediata da transfusão como medida inicial, o que pode resultar em riscos adicionais ao paciente, caracterizando um déficit de conhecimento nessa conduta. Em contrapartida, estudos prévios identificaram que a maioria dos profissionais reconhecia a interrupção da transfusão como a primeira atitude a ser tomada diante da suspeita de reação transfusional (NAZÁRIO SS, et al., 2019; CHEREM EO, et al., 2017).

Uma equipe com conhecimento acerca do processo transfusional e reações transfusionais possibilita a prevenção dos erros e danos causados ao paciente, melhorando a qualidade da assistência prestada no cuidado com a saúde. Visando reduzir a chance de eventos adversos relacionados a transfusão de hemocomponentes, as instituições que realizam transfusões sanguíneas devem realizar capacitações e treinamentos periódicos, visando a segurança e a qualidade do serviço prestado ao paciente. Dessa maneira toda a equipe de enfermagem estará assumindo um compromisso social com a saúde da população, pois o conhecimento limitado sobre as reações transfusionais e hemoterapia prejudica todo o processo transfusional e consequentemente o acesso a uma assistência segura ao paciente.

Desta forma, os achados reforçam a necessidade de fortalecimento de programas permanentes de educação em serviço, com ênfase não apenas no reconhecimento dos sinais clássicos de reação transfusional, mas também na identificação de manifestações menos frequentemente associadas. A proporção de profissionais que não reconheceu a notificação médica como primeira conduta evidencia a importância de protocolos institucionais claros e treinamentos periódicos baseados em simulações clínicas, visando padronizar a conduta imediata frente a reações transfusionais. A implementação de fluxogramas assistenciais e atualizações regulares pode contribuir para maior segurança do paciente e redução de eventos adversos relacionados à hemotransfusão.

Entre as limitações identificadas neste estudo destaca-se o tamanho reduzido da amostra, uma vez que, apesar do questionário ter sido disponibilizado de forma *online* e não coletar dados pessoais capazes de identificar os participantes, a adesão ao instrumento foi baixa, o que comprometeu a amplitude da coleta de dados. Além disso, o estudo avaliou o conhecimento da equipe de enfermagem exclusivamente por meio de questionário, sem a observação direta da execução dos procedimentos, o que pode ter resultado em informações incompletas ou que não refletem integralmente a prática profissional, limitando a interpretação de alguns achados.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a terapia transfusional é um processo complexo, passível de complicações que podem causar danos graves e até fatais aos pacientes, muitas vezes decorrentes de falhas nos procedimentos ou da insuficiência de conhecimento técnico-científico dos profissionais. Embora a equipe de enfermagem tenha demonstrado conhecimento satisfatório sobre os principais sinais e sintomas das reações transfusionais, observou-se desconhecimento, na maioria dos casos, quanto à primeira conduta a ser adotada diante da suspeita de um evento adverso. Evidencia-se, portanto, a necessidade de treinamentos e capacitações continuadas, associados à avaliação do conhecimento adquirido, como estratégia para o desenvolvimento de competências, habilidades e manutenção da cultura de segurança na hemoterapia. Destaca-se ainda que a assistência de enfermagem ao longo de todo o processo transfusional deve ser realizada por profissionais habilitados, em ambientes seguros e com recursos adequados para o manejo de intercorrências, sendo o domínio técnico-científico indispensável para a qualidade do cuidado. Por fim, recomenda-se o fortalecimento

do ensino sobre hemoterapia na formação em enfermagem e a realização de novos estudos que ampliem a discussão e a visibilidade dessa prática assistencial.

REFERÊNCIAS

1. BARDAQUIM VA, et al. Anxiety and depression in the nursing team in the hospital area. Revista Enfermería Actual de Costa Rica, 2021; 41: 228-237.
2. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 - BRASIL. Ministério da Saúde.2012. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf. Acessado em: 08 de junho de 2023.
3. Resolução nº 709 – COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. 2022. Disponível em: https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-629-2020. Acessado em: 15 de fevereiro de 2026.
4. Técnico em hemoterapia: livro texto - BRASIL. Ministério da Saúde. 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/tecnico_hemoterapia_diretrizes_orientacoes_formacao.pdf. Acessado em: 20 de janeiro de 2026.
5. RDC nº 51, de 29 de setembro de 2014 - BRASIL. Ministério da Saúde, 2014a. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/rdc0051_29_09_2014.html. Acessado em: 15 de janeiro de 2026.
6. RDC nº 34, de 11 de junho de 2014. Dispõe sobre as boas práticas no ciclo do sangue - BRASIL. Ministério da Saúde, 2014b. Disponível em: https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20170553/04145350-rdc-anvisa-34-2014.pdf. Acessado em: 15 de janeiro de 2026.
7. Guia para uso de hemocomponentes - BRASIL. Ministério da Saúde. 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_uso_hemocomponentes_2ed.pdf. Acessado em: 15 de janeiro de 2026.
8. Portaria nº 158, de 04 de fevereiro de 2016. Redefine o regulamento técnico de procedimentos hemoterápicos - BRASIL. Ministério da Saúde. 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2016/prt0158_04_02_2016.html. Acessado em: 15 de janeiro de 2026.
9. Sistema Nacional de Hemovigilância no Brasil - BRASIL. Manual da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/fiscalizacao-e-monitoramento/hemovigilancia/sistema-nacional/arquivos/Manual_de_Hemovigilancia__dez221.pdf. Acessado em: 15 de janeiro de 2026.
10. CARNEIRO VS, et al. Hemoterapia e reações transfusionais imediatas: atuação e conhecimento de uma equipe de enfermagem. Revista Mineira de Enfermagem, 2017; 21: *e-1031.*
11. CHEREM EO, et al. Saberes do enfermeiro para o cuidado no processo transfusional em recém-nascidos. Revista Gaúcha de Enfermagem, 2017; 38(1): e63557.
12. CHEREM EO, et al. The transfusional therapy process in the neonatal intensive therapy unit: the nurse's knowledge. Texto & Contexto Enfermagem, 2018; 27(1): e1150016.
13. FRAZÃO ACAY, et al. Hemovigilância: utilização das ferramentas de gestão para a qualidade no processo transfusional. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2019; 11(10): 1-7.
14. GOMES NRB, et al. Nursing care in blood transfusion. Hematology, Transfusion and Cell Therapy, 2020;42(S2):S1–S567.
15. GRANDI JL, et al. Hemovigilância: a experiência da notificação de reações transfusionais em hospital universitário. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 2018; 52: e03331.
16. LEITE GR, et al. Segurança do paciente na hemotransfusão: atitude e conhecimento de enfermeiros no sudoeste de Goiás. Itinerarius Reflectionis. 2018; 14(4): 1-13.
17. MARCONDES C, et al. Educação permanente de equipe de enfermagem em reação transfusional. Revista Enfermagem UFPE *online*. 2019; 13(2): 307-14.
18. MOHD NOOR NH, SITI ASMAA MJ. Karl Landsteiner (1868-1943): A Versatile Blood Scientist. Cureus. 2024 Sep 7;16(9):e68903.
19. NAZÁRIO SS, et al. Educação permanente de equipe de enfermagem em reação transfusional. Revista Enfermagem UFPE *online*. 2019; 13(2): 307-314.
20. PEREIRA CS, et al. Cuidados de enfermagem para segurança do paciente em Hemoterapia. Revista Enfermagem UFPI. 2016; 5,(1): 28-33.
21. PEREIRA EB, et al. Hemovigilância: conhecimento da equipe de enfermagem sobre reações transfusionais. Enfermagem em Foco, 2021; 12(4): 702-709.
22. SANTOS BMP, et al. Perfil e essencialidade da enfermagem no contexto da pandemia da COVID-19. Ciência Saúde Coletiva. 2023; 28(10): 2785-2796.
23. SILVA PA, et al. Conhecimento de profissionais de enfermagem sobre atuação em hemotransfusão. Revista Ciência Saúde. 2017;2(2):15-24.
24. SILVEIRA RCP, et al. Qualidade de vida e sua relação com o perfil sociodemográfico e laboral de trabalhadores de enfermagem hospitalar. Revista Enfermería Actual de Costa Rica. 2021; 41: s/n.
25. SOBRAL PAS, et al. Hemovigilance and patient safety: analysis of immediate transfusion reactions in elderly. Revista Brasileira de Enfermagem, 2020; 73(Supl 3): e20190735.

26. SOUZA WFR, CERQUEIRA, ETV. A atuação do enfermeiro na gestão do cuidado em reações transfusionais. Revista Eletrônica Acervo Saúde. 2019; 21: 1-6.